

The Kalman H. Silvert Award was created in 1982 to honor the first president of the Latin American Studies Association, Kalman Silvert. One of the leading figures in Latin American studies during his lifetime, Silvert spent the majority of his teaching career as a professor of government, politics, and political science with a special interest in studying Latin America. The award recognizes senior members of the profession who have made distinguished lifetime contributions to the study of Latin America. This year the award will be presented to Sueli Carneiro, founder and current director of Celedés Instituto da Mulher Negra. Dr. Sueli Carneiro holds a Doctorate of Philosophy from the University of São Paulo (USP). She is an influential Brazilian intellectual and political figure whose work has sought to link the production of knowledge with social transformation. The author of countless academic and journalistic articles, she is recognized as one of the pioneers in the creation and dissemination of the black feminism thought in Brazil.



Fazer da reflexão intelectual uma espada, como convém a uma filha de Ogun

por **Sueli Carneiro**

Sueli Carneiro é uma mulher negra, filha mais velha de um casal com sete filhos que cresceu em comunidades proletárias de bairros periféricos de SP. Que passou quase toda a adolescência e juventude confinada na periferia, que conheceu o centro da cidade de SP com mais de 18 anos e tem a primeira memória de ver o mar aos 19 anos. Que durante toda a infância e adolescência experimentou situações de discriminação racial sobretudo na escola, que conheceu a violência de gênero em casa e desenvolveu em relação a essas questões de violência racial e de gênero uma grande dose de indignação que foi me direcionando ao encontro dos movimentos sociais que politizaram esses temas notadamente o movimento negro e o movimento feminista com os quais fui desenvolvendo e conformando minha visão de mundo, minha visão política e as escolhas que fui fazendo ao longo da vida em termos de ativismo social e de interesse intelectual.

No início da década de 70 adentrei à universidade. Foi uma experiência dura, ser uma moça negra, oriunda das classes populares numa faculdade considerada a mais elitista das ciências sociais da

Universidade de São Paulo, a Faculdade de Filosofia da USP na qual a aula inaugural de minha turma de 1972 foi proferida parte em francês e parte em alemão e eu sequer tinha um português perfeito. Era desafiador pelo ônus das desigualdades raciais, pela ausência de capital cultural e social dos alunos oriundos das classes populares como eu. Éramos e somos portadores de saberes que a academia rejeita e deslegitima e não compartilhamos do repertório cultural padrão dos alunos das classes superiores que monopolizam as vagas sobretudo das universidades públicas; aumentando o sentimento de isolamento, de não pertencimento dos alunos em especial os negros.

A minha geração de militantes negros foi educada e conscientizada pelo movimento social negro; por seus intelectuais orgânicos, ignorados pela universidade brasileira dos quais, entre muitos, destaco dois nomes essenciais na minha formação feminista e antirracista: Abdias Nascimento e Lélia Gonzalez.

Costumo dizer que Abdias Nascimento nos ensinou tudo de essencial que há para saber sobre a questão racial no Brasil:

- a identificar o genocídio do negro brasileiro,
- as manhas dos poderes para impedir a escuta de vozes insurgentes como as nossas;
- a nos ver como pertencentes a uma comunidade de destino, produtores e herdeiros de um patrimônio cultural construído nos embates da diáspora negra com a supremacia branca em toda parte.

Qualquer tema sobre a problemática racial no presente, esteve na agenda política de Abdias do Nascimento desde as primeiras décadas do século passado, nada lhe escapou.

Mas sobretudo o que devemos a ele é a conquista de um pensar negro: uma perspectiva afrocentrada para o desvelamento e enfrentamento dos desafios para a efetivação de uma cidadania para os negros no Brasil, o seu mais generoso legado à nossa luta.

Igualmente pode-se dizer que Lélia Gonzalez estabeleceu as bases que estruturam o movimento de mulheres negras contemporâneo ao apontar o viés eurocentrista do feminismo brasileiro:

- que desconsiderava a centralidade da racialidade nas hierarquias de gênero presentes na sociedade.
- que universalizava para o conjunto das mulheres uma concepção ocidental de mulheres sem as mediações dos processos de dominação, violência e exploração específicas da interação entre ocidentais e não-brancos desde o período colonial.

Essas questões postas por Lélia Gonzalez se tornaram a senha para as mulheres negras ousarem desenhar como concepção e ação política, o que hoje é chamado de feminismo negro.

É importante assinalar que enquanto Abdias Nascimento e Lélia Gonzalez tem essa importância para a construção do pensamento negro brasileiro acerca das relações raciais no Brasil eles se encontravam até a bem pouco tempo

completamente ausentes nas bibliografias das ciências humanas das universidades brasileira e ainda não sei se de fato já estão suficientemente incorporados.

Um momento emblemático dessa invisibilidade da contribuição desses intelectuais ocorreu em Geledés décadas atrás quando fomos visitadas por uma professora responsável por um departamento de estudos culturais de uma universidade do Canadá e ela nos disse que éramos a sua última esperança de encontrar a bibliografia de Abdias Nascimento pois ela não havia encontrado nenhum vestígio dele nas universidades brasileiras que visitou. Manifestou ainda que considerava Abdias a mais importante expressão do pan-africanismo na América Latina e não compreendia a sua invisibilidade nos meios acadêmicos nacionais.

A história política e a reflexão de Abdias do Nascimento e Lélia Gonzalez se inserem no patrimônio político-cultural pan-africanista, repleto de contribuições para a compreensão e superação dos fatores que vêm historicamente subjugando os povos africanos e sua diáspora.

Abdias do Nascimento é a grande expressão brasileira dessa tradição, que inclui líderes e pensadores da estatura de Marcus Garvey, Aimé Césaire, Frantz Fanon, Cheikh Anta Diop, Léopold Sédar Senghor, Patrice Lumumba, Kwame Nkrumah, Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Steve Biko, Angela Davis, Martin Luther King Jr., Malcolm X, entre muitos outros. Em nenhum momento de minha trajetória acadêmica tive notícias de nenhum desses autores. Fui encontrá-los pelas mãos de outros militantes. A ausência desses pensadores ratifica o caráter eurocêntrico da universidade brasileira.

Me servi abusivamente das figuras de Abdias Nascimento e Lélia Gonzalez para com eles ressaltar o sentido emblemático que receber o Prêmio Kalman Silvert Award tem para mim. Sei que este prêmio presta reverência através de mim às inúmeras e inúmeros intelectuais negros cujos saberes foram subjugados ou sepultados pelo cruel silenciamento que nos impõem o racismo. Sei que este prêmio presta reverência a essas pensadoras e pensadores que forjaram nossas

consciências e vozes insurgentes no calor das lutas que travaram contra o racismo e o sexismo. Sei que este prêmio sinaliza para a urgência de supressão do pacto epistemicida que estreita o horizonte de conhecimento da humanidade ao descartar o que temos a oferecer de alternativas no plano epistemológico e prático. É portanto, um prêmio que recebo com a humildade de quem o compreende como o reconhecimento da justeza da causa e das lutas de mulheres e homens negros de todas as Américas por respeito aos direitos de cidadania e à dignidade humana de seus povos.

O que nos move a denunciar, o que nos move a lutar é o mesmo que nos move a escrever, pensar, debater ideias: a indignação diante da injustiça e da opressão; são as vivências cruéis que pessoas negras experimentam em nossas sociedade e contra as quais temos que estar sempre alerta, em legítima defesa! E é essa indignação que reafirma a nossa humanidade é o combustível da nossa resistência. É neste contexto que se situa a minha escrevivência para usar expressão da magistral escritora brasileira Conceição Evaristo. Uma escrevivência que, de acordo com ela, “não é para adormecer os da casa grande, e sim, para incomodá-los em seus sonhos injustos”.

Procurei ao longo de minha trajetória fazer da reflexão intelectual uma espada, como convém a uma filha de Ogun, com a qual venho esgrimindo no bom combate pelas causas mais justas da humanidade que são a conquista da igualdade e equidade de direitos e oportunidades para todas e todos, aliada à organização política indispensável para fazer avançar essas demandas colocadas pelas mulheres negras em particular e pela população negra em geral para a realização de seus direitos econômicos, sociais, civis, culturais e ambientais o que traz a exigência de construção de um novo contrato racial e um novo contrato sexual sustentados por princípios éticos que desalojem os privilégios consagrados de gênero e raça. Essas demandas deram sentido à minha vida, evidenciaram os meus vínculos comunitários e foram e são a argamassa de minha produção intelectual; em honra à ancestralidade que me trouxe até aqui e aos compromissos e responsabilidades que tenho com as novas e vindouras gerações. //